

André Nunes de Sousa

Professor do Departamento de Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA)
anunesds82@gmail.com

Gustavo Costa Mota

Licenciado em Geografia pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA)
gustavocmnet2@gmail.com

Maria Auxiliadora da Silva

Professora do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia (UFBA)
dorasilv@ufba.br

A Associação dos Geógrafos Brasileiros e o *Boletim Baiano de Geografia*: intercâmbios internacionais e profissionalização da geografia na Bahia

Resumo

O objetivo deste artigo é discutir o papel desempenhado pelo *Boletim Baiano de Geografia*, publicação vinculada à Associação dos Geógrafos Brasileiros e dirigido por pesquisadores do Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais da Universidade da Bahia, na circulação e na consolidação de orientações teórico-metodológicas através do intercâmbio de conhecimentos com comunidades científicas do exterior, além da formação continuada de pesquisadores no estado. Os textos publicados no periódico revelam convergências de ações que buscavam, em meados do século XX, colocar a geografia produzida na Bahia em sintonia com a ciência desenvolvida internacionalmente, ao passo que promovia sua inserção no contexto da regulamentação e da profissionalização dos geógrafos no Brasil, tributários do que se convencionou chamar de sistema geográfico oficial brasileiro.

Palavras-chave: *Boletim Baiano de Geografia*, Associação dos Geógrafos Brasileiros, História da Geografia na Bahia.

Abstract

THE BRAZILIAN ASSOCIATION OF GEOGRAPHERS AND THE *BOLETIM BAIANO DE GEOGRAFIA*: INTERNATIONAL EXCHANGES AND THE PROFESSIONALIZATION OF GEOGRAPHY IN BAHIA

This paper discusses the role played by the *Boletim Baiano de Geografia*, a publication linked to the Brazilian Association of Geographers and directed by researchers from the Laboratory of Geomorphology and Regional Studies at the University of Bahia, in the circulation and consolidation of theoretical and methodological guidelines through the exchange of knowledge with scientific communities abroad, as well as the continuing education of researchers in Bahia. The texts published in the journal reveal convergences of actions that sought, in the mid-20th century, to bring the geography produced in Bahia into line with internationally developed science, while promoting its insertion into the context of the regulation and professionalization of geographers in Brazil, tributary to what has become known as the official Brazilian geographical system.

Key-words: *Boletim Baiano de Geografia*, Brazilian Association of Geographers, History of Geography in Bahia.

1. Introdução

O presente artigo é resultado da aproximação e do diálogo entre os projetos de pesquisa dos seus autores, que têm se dedicado à História da Geografia no Brasil, com particular atenção à sua trajetória na Bahia. No tocante ao papel desempenhado pelo *Boletim Baiano de Geografia* na circulação das ideias, no fomento aos intercâmbios internacionais e na consolidação das pesquisas geográficas no país, chama atenção a carência de investigações sistematizadas sobre as contribuições desse periódico – o primeiro exclusivamente geográfico produzido no estado da Bahia e vinculado à Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) e que expressa em seus textos convergências de ações que buscavam, em meados do século XX, colocar a geografia produzida no Brasil em sintonia com a ciência desenvolvida em âmbito internacional.

Afora menções esporádicas em textos de diferentes autores, presentes em trabalhos realizados sobre outros temas que não o próprio *Boletim Baiano de Geografia* [de agora em diante *Boletim*], destacam-se, como esforço de resgate das contribuições do periódico, a catalogação e a conservação

do material, hoje raro, feitas por Maria Auxiliadora da Silva, nas pesquisas que desenvolve na Universidade Federal da Bahia (UFBA), além do projeto *História da Geografia na Bahia: do Período Regencial à República*, coordenado por André Nunes de Sousa no Departamento de Geografia do Instituto Federal da Bahia (IFBA), a partir do qual orientou pesquisa de iniciação científica especificamente sobre o periódico¹.

Criado no ano de 1960 e com tiragem até 1979, o *Boletim* surgiu em uma espécie de interregno entre períodos de regimes autoritários no Brasil. Mais do que um simples dado cronológico, o contexto de criação e a posição política de suas lideranças definiram um ambiente de maior liberdade para as pesquisas realizadas na Bahia e sua divulgação, se comparadas, por exemplo, ao mais expressivo periódico da disciplina no período, a Revista Brasileira de Geografia (RBG) que, durante o Estado Novo (1937-1945) e a ditadura militar (1964-1985), teve parte do seu conteúdo integrado ao aparato de propaganda do Estado (RIBEIRO, 2025). O *Boletim*, conforme será visto, manteve sua autonomia política, a despeito da ruptura institucional no país em 1964, o que ocasionou, inclusive, a descontinuidade de alguns de seus números.

Em termos metodológicos, construímos o artigo a partir de dois procedimentos básicos: a revisão bibliográfica e a pesquisa documental. No esforço de remontar uma história contextual (BERDOULAY, 2017), buscamos, no primeiro tópico, traçar linhas gerais sobre o surgimento do *Boletim*, observando em que conjunturas político-econômica e institucional o periódico foi idealizado e publicado. No tópico seguinte, nos debruçamos sobre o próprio conteúdo do *Boletim*, na quase totalidade dos seus números e volumes², evidenciando seus(suas) autores(as), temas trabalhados, orientações teórico-metodológicas, escalas geográficas de investigação, trocas internacionais, entre outros elementos. Completam o artigo esta introdução e as considerações finais.

2. Os antecedentes do *Boletim Baiano de Geografia*

O *Boletim* não foi o primeiro periódico a veicular textos geográficos na Bahia³, sua particularidade e sua importância, no entanto, residem

no fato de ele ter sido o primeiro veículo exclusivamente dedicado à divulgação da geografia no estado e por se inserir no contexto da regulamentação e da profissionalização dos geógrafos no Brasil, sendo, portanto, tributário do que se convencionou chamar de sistema geográfico oficial brasileiro formado a partir da criação dos cursos superiores de geografia na Universidade de São Paulo (USP), em 1934, e na Universidade do Distrito Federal (UDF), em 1935; da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), em 1934; do Conselho Nacional de Geografia (CNG), em 1937; e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 1938 (MORAES, 2005; ANTUNES, 2008).

A formação desse sistema de instituições, responsável por regulamentar e profissionalizar a prática dos geógrafos no Brasil, já foi tratada extensivamente por diferentes autores da geografia, sendo, talvez, a passagem mais conhecida da historiografia da disciplina. Esse fato nos autoriza a uma abordagem breve do processo, para nos atermos um pouco mais ao que for concernente ao *Boletim* e a seu papel na consolidação de perspectivas teórico-metodológicas, no intercâmbio de conhecimentos e na formação continuada de pesquisadores. O que mais importa, para os propósitos deste artigo, é a compreensão de que a criação da AGB – à qual o *Boletim* foi vinculado – se inscreve no âmbito da participação do Estado brasileiro na regulamentação da geografia no país, através da institucionalização do CNG e do IBGE (MORAES 2005; ANTUNES, 2008).

Tratando-se de um periódico inscrito no processo de profissionalização dos geógrafos no Brasil e, particularmente, na Bahia, é interessante notar a participação de personagens baianos, residentes na então capital da República, na formação do sistema geográfico brasileiro, cerca de duas décadas antes da criação do *Boletim*. Esses foram os casos de Bernardino de Souza, Sylvio de Froes Abreu e Mário Augusto Teixeira de Freitas (CARDOSO, 2013; SENRA, 2016; SOUSA, 2022).

O primeiro, professor de geografia do Ginásio da Bahia, tornou-se ministro de Getúlio Vargas durante o Estado Novo, compondo o grupo de trabalho reunido no Itamaraty responsável por elaborar o projeto de lei que instituiu e regulamentou o CNG e autorizou a filiação do Brasil à UGI (CARDOSO, 2013; SOUSA, 2022). O segundo, engenheiro químico e professor de geografia, foi técnico do CNG, propondo uma regionalização

para a Bahia, publicada no primeiro número da Revista Brasileira de Geografia, dedicando-se, posteriormente, às pesquisas sobre o petróleo e os minerais no Brasil (REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA, 1939). O terceiro, advogado e estatístico, “desenhou” e regeu como autoridade maior o IBGE durante os seus primeiros anos de existência, embora o primeiro presidente do Instituto não tenha sido ele, mas sim o então embaixador e também Ministro das Relações Exteriores José Carlos de Macedo Soares (SENRA, 2016).

Particularmente no tocante à AGB, o primeiro geógrafo baiano a ser convidado à filiação foi o experiente Theodoro Sampaio (SEABRA, 2008). Conforme demonstra Antunes (2008), Sampaio foi convidado a ingressar na AGB por outro sócio – uma prerrogativa do estatuto da Associação. O convite foi feito por Geraldo Horácio de Paula Souza, tendo Theodoro Sampaio se filiado à AGB em 18 de março de 1935 (ANTUNES, 2008). Sampaio teve uma longa trajetória na geografia, tendo sido presidente do 5º Congresso Brasileiro de Geografia, o mais expressivo entre os certames nacionais de geografia anteriores à formação do sistema geográfico oficial brasileiro, além de ter proposto e executado projetos de planejamento territorial e urbano e produzido uma extensa bibliografia multitemática reconhecida pelas comunidades científicas no Brasil e no exterior (SANTOS, 2010). Ademais, Sampaio nutria estreita relação intelectual e de amizade com nomes destacados na vida cultural do país, entre eles, membros da tradicional família Prado, de São Paulo, como os pais, tios e avós de Caio Prado Jr., um dos fundadores da AGB (SANTANA, 2002; GIAROLA, 2015).

Se, por um lado, o final da década de 1930 representa a consolidação do sistema geográfico oficial brasileiro, ele marca também um acontecimento que, segundo o editorial do primeiro número da *Revista Brasileira de Geografia*, mudaria profundamente a geografia econômica do Brasil: a primeira descoberta de petróleo no país, precisamente na bacia sedimentar do Recôncavo Baiano (REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA, 1939). A descoberta e as pesquisas para a extração do óleo, que foram acompanhadas de perto por Sylvio de Fróes Abreu nos anos seguintes, por ordens do CNG, criou no Brasil e, particularmente, na Bahia, um ânimo social que se desdobrou em importantes eventos nas décadas seguintes, impactando diretamente na produção da geografia que se fazia no estado (SOUSA, 2015).

Foi nesse contexto que se formou na Bahia uma elite modernizante a partir da década de 1940, buscando reverter o quadro de estagnação econômica e perda de importância política no cenário nacional que se arrastava desde as últimas décadas do século XIX (MARQUES, 2010). Entre as ações planejadas e executadas para isso, destaca-se a criação da primeira universidade no estado, em 1946, a Universidade da Bahia, rebatizada uma década depois como Universidade Federal da Bahia (UFBA). A nova instituição reuniu e articulou os cursos superiores já existentes no estado, como o de Geografia e História, criado em 1941, a outros órgãos e repartições (MARQUES, 2010).

Foi nesse contexto de ânimo social que, no final daquela década, no ano de 1948, o jovem Milton Santos, formado pela Faculdade de Direito da Universidade da Bahia, prestou concurso para professor de geografia no Colégio Municipal de Ilhéus, no sul do estado. Para ingresso na instituição, Santos apresentou a tese intitulada *O povoamento da Bahia: suas causas econômicas*, redigida sobre uma orientação historicista típica dos trabalhos de Theodoro Sampaio, Felisberto Freire e outros autores que são citados na tese. Naquele momento não havia, ainda, no texto de Milton Santos, referência consistente aos autores vidalianos, seja em termos de método ou na proeminência do conceito de região e conseqüente esforço de sua definição (VASCONCELOS, 2020). As referências aos autores vidalianos foram integradas aos trabalhos de Santos à medida em que ele, professor do Colégio de Ilhéus, passou a frequentar os cursos de férias do CNG (VASCONCELOS, 2020)

Nesses cursos, no início da década de 1950, Milton Santos se aproximou de geógrafos alinhados com a orientação teórico-metodológica vidaliana e com a própria direção da AGB. As viagens, os cursos e o círculo de afinidades que se formou desde então foram fundamentais para a vinculação do professor baiano à nova orientação científica, que se seguiu presente nos seus trabalhos e nas propostas de organização institucional das pesquisas em geografia que ele dirigiu na Bahia (VASCONCELOS, 2020).

Segundo Teresa Cardoso da Silva (2011), desde, pelo menos, 1954, Milton Santos manifestava vontade de criar um centro de pesquisa na Bahia. Já no ano de 1956, ele participou do XVIII Congresso da UGI, realizado na cidade do Rio de Janeiro, tendo viabilizando, inclusive, junto a instituições baianas, que uma das excursões do evento percorresse longas

extensões do estado da Bahia. Foi nesse congresso que Milton Santos estreitou laços com Jean Tricart, professor da universidade de Strasbourg que o convidou para realizar doutoramento na França. Nesse momento, a abordagem vidaliana em suas pesquisas e escritos já se fazia sentir em livros como *Os estudos regionais e o futuro da geografia* (1953) e *Zona do cacau: introdução ao estudo geográfico* (1956) (SILVA, 2006).

Milton Santos retornou do doutorado em 1958 com a tese *O centro da cidade de Salvador* e, em janeiro de 1959, a convite do reitor da UFBA, fundou o Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais, juntamente com Jean Tricart, as geógrafas Tereza Cardoso da Silva, Nilda Guerra de Macedo, Anna Dias Carvalho e Antônia Déa Erdens, além de jovens estagiários estudantes de geografia. Com o passar do tempo, estudantes e pesquisadores de outros estados foram se juntando ao grupo (SILVA, 2006).

Entre os professores que estiveram à frente da criação do Laboratório e das ações implementadas no novo centro de pesquisa, é importante destacar as vinculações políticas de Milton Santos e Jean Tricart, as principais lideranças do grupo, que, de algum modo, transpareciam nos temas escolhidos para as pesquisas e nas publicações no *Boletim*, conforme mencionado na introdução deste texto, ainda que não se tratasse daquilo que se convencionou a chamar, mais tarde, de renovação crítica da geografia. Dessa forma, cabe observar que, enquanto Milton Santos esteve ligado nos anos de juventude na Bahia às forças políticas contrárias ao Estado Novo de Vargas, Jean Tricart foi membro do Partido Comunista Francês e se esforçou em tentar aproximar o marxismo da geografia (MACHADO, 2014; MAMIGONIAN, 2011).

A colaboração de geógrafos estrangeiros, que passaram a visitar o Laboratório a convite de Milton Santos e Jean Tricart, se tornou então mais frequente. Com isso, outras perspectivas teórico-metodológicas foram experimentadas e a orientação vidaliana cedeu em proeminência nos trabalhos desenvolvidos pelo grupo. Essa mudança pode ser observada já no primeiro número do *Boletim*, publicado em 1960, que anuncia o objetivo do Laboratório como o de preparar geógrafos profissionais e realizar pesquisas de geografia aplicada, destinadas a servirem de apoio ao planejamento espacial da Bahia e divulgar a produção acadêmica do novo centro de pesquisa (AGB, 1960). A publicação, filiada à AGB, expressava uma preocupação com a continuidade do projeto de profissionalização da

geografia *pari passu* à sua aplicação na resolução dos problemas territoriais do país e à modernização das bases teórico-metodológicas.

No biênio 1962-63, Milton Santos tornou-se presidente nacional da AGB. Em cerca de três décadas de existência da Associação, somando-se 28 gestões, o geógrafo baiano foi o quarto presidente vinculado a uma universidade situada fora da região sudeste do Brasil. Em condição similar à dele, foram presidentes somente três professores da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), entre os quais, Manoel Corrêa de Andrade, a quem Milton Santos sucedeu (ANTUNES, 2008). No total de gestões à frente da AGB, o principal destaque fica a cargo dos 10 mandatos do geógrafo Pierre Monbeig, revelando a autoridade construída e exercida pelo professor francês no Brasil e a influência sobre orientação teórico-metodológica seguida por seus associados (LIRA, 2021).

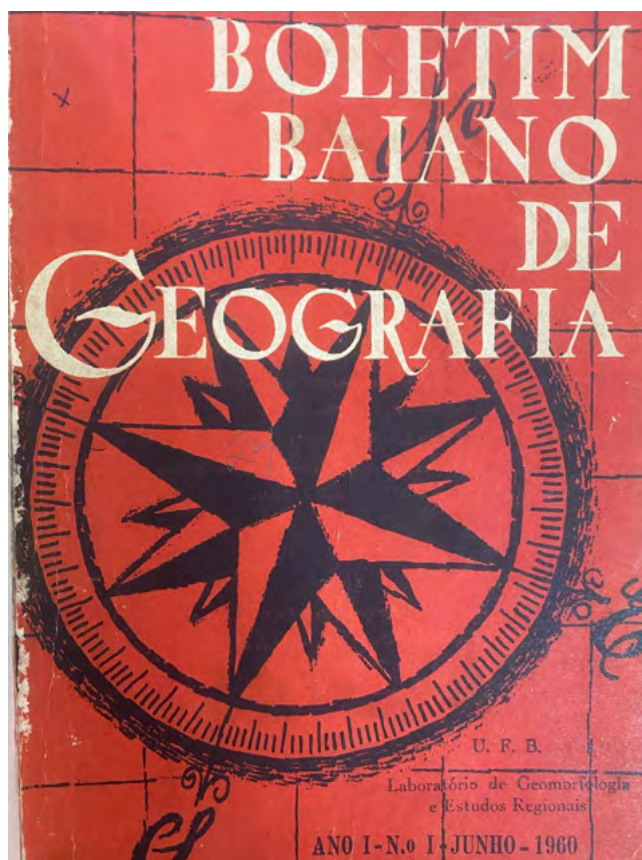
Nessa breve contextualização, é importante notar, portanto, como o grupo envolvido com o Laboratório e, conseqüentemente, com a própria Universidade da Bahia, foi o mesmo responsável pela criação de uma seção regional da AGB no estado e pela publicação de seu periódico. O Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais da Universidade da Bahia, a AGB em sua seção local e o *Boletim Baiano de Geografia* eram conduzidos pelo mesmo grupo de professores que, em poucos anos, promoveram a inserção da geografia produzida na Bahia no sistema de instituições responsáveis pela profissionalização dos geógrafos(as) no Brasil; estabeleceram intercâmbios nacionais e internacionais com pesquisadores de procedências as mais diversas, colocando a geografia na Bahia em sintonia com a ciência praticada em outros locais; e promoveram e garantiram a formação de futuros pesquisadores, que deram continuidade à produção geográfica na universidade – fatos que podem ser observados nos dados apresentados no próximo tópico.

3. O *Boletim Baiano de Geografia*, seus propósitos e conteúdos

Conforme Antunes (2008), o *Boletim* pode ser considerado o primeiro periódico dirigido por um núcleo local da AGB que teve as proporções acadêmicas da revista produzida pela AGB nacional. Isso porque, diferentemente de outros boletins vinculados às Seções regionais da AGB, a proposição de

um Boletim que fosse exclusivamente guiado por temas pertinentes à Bahia esteve fora dos planos dos seus propositores e editores desde o início de sua publicação. O adjetivo “baiano” se restringiu tão somente à composição do título do periódico, sem pôr limites aos recortes espaciais de pesquisa, temas trabalhados e parcerias estabelecidas com pesquisadores e grupos de diferentes procedências. Escolhida como símbolo nas capas do *Boletim*, a bússola (figura 1), que gira buscando novas orientações, fazia jus às procuras do grupo.

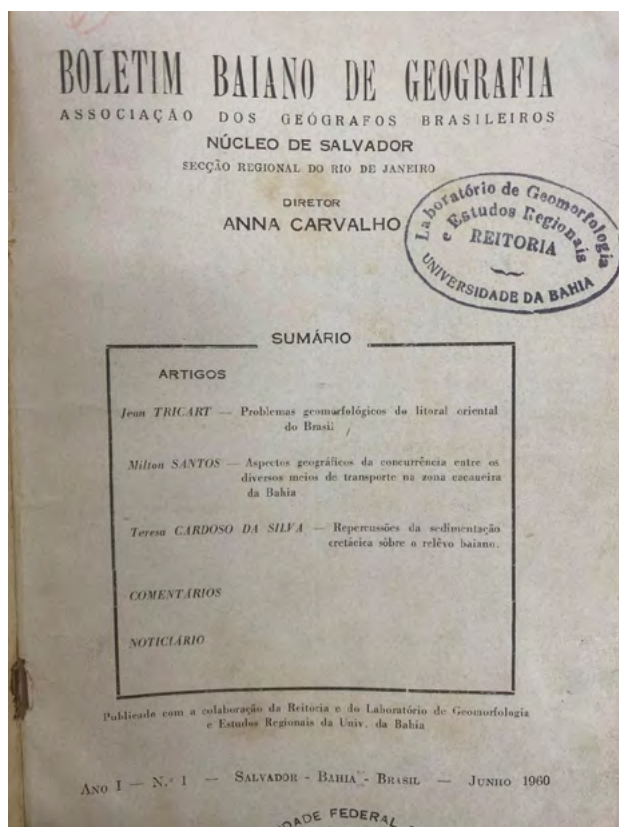
Figura 1
CAPA DO BOLETIM BAIANO DE GEOGRAFIA



O sumário do primeiro número do periódico (figura 2), como era de se esperar, trazia os títulos de trabalhos de três de suas lideranças, entre

elas o francês Jean Tricart. O número, que traz estampado o nome de Anna Carvalho na condição de Diretora do Núcleo de Salvador da AGB, anuncia no seu sumário os artigos “Problemas geomorfológicos do litoral oriental do Brasil”, de Jean Tricart; “Aspectos geográficos e concorrência entre os diversos meios de transporte na zona cacauceira da Bahia”, de Milton Santos; e “Repercussões da sedimentação cretácea sobre o relevo baiano”, de Teresa Cardoso da Silva, além de comentários sobre obras internacionais, o que seria uma constante nos números e volumes do *Boletim* e noticiários.

Figura 2
SUMÁRIO DO PRIMEIRO NÚMERO DO BOLETIM BAIANO DE GEOGRAFIA



Embora o primeiro número do *Boletim* traga os trabalhos de três dos professores do Laboratório, não demorou muito para que aparecessem

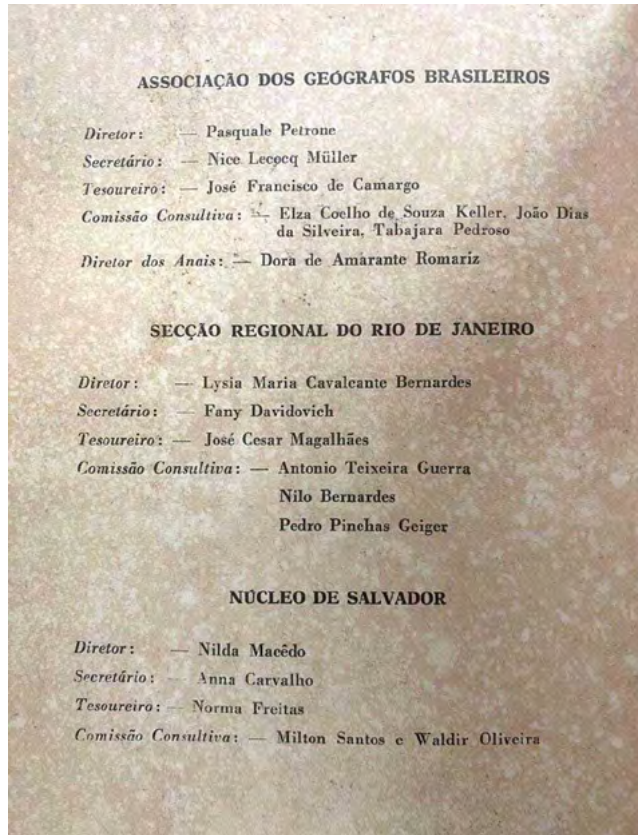
também os nomes de estagiários, estudantes e novos pesquisadores vindos de diferentes partes do Brasil, além dos geógrafos estrangeiros. Nomes como os das estagiárias Yolanda Maria Santos e Dulce Lima de Brito figuraram nos títulos dos periódicos, assim como as colaborações das estudantes Maria Auxiliadora da Silva, Marlene de Aragão Carneiro, Lilia Leal de Souza, Ezilda Pereira e Walkyria Sulz, denotando a inserção nas pesquisas de jovens que comporiam, futuramente, o Departamento de Geografia da UFBA (SILVA, 2006; SOUSA, 2015).

Conforme dito, nomes de pesquisadores estrangeiros também passaram a figurar no *Boletim*, somando-se ao de Jean Tricart. Particularmente no tocante aos estrangeiros que estiveram no congresso da UGI, em 1956, alguns deles tiveram textos publicados no *Boletim*, foram diretamente citados nos trabalhos realizados pelos membros do Laboratório ou tiveram algumas de suas obras resenhadas na seção *Comentários*, bem como proferiram palestras ou realizaram trabalhos de campo junto ao grupo da Universidade da Bahia (SILVA, 2006).

No âmbito desses intercâmbios de saberes estabelecidos entre os pesquisadores da Bahia e comunidades científicas estrangeiras, é importante destacar o convênio para doutoramento na Universidade de Estrasburgo de diferentes pesquisadores do Laboratório, além de Milton Santos. Esses foram os casos inicialmente de Tereza Cardoso da Silva, Nilda Guerra de Macedo e Anna Carvalho, entre as décadas de 1950 e 1960, e, posteriormente, dos jovens estudantes que trabalhavam junto a esses professores (SILVA, 2006).

Outro ponto importante é a proeminência feminina entre os pesquisadores e estudantes do Laboratório e que tiveram seus trabalhos publicados no *Boletim*, além da própria direção e da editoração do periódico. A direção, tanto da AGB quanto do *Boletim*, esteve a cargo das pesquisadoras do Laboratório, denotando a confiança e a liberdade de trabalho que tinham em um momento histórico e em um ambiente acadêmico estruturalmente machista. Das oito edições publicadas entre 1960 e 1962, por exemplo, todas foram dirigidas por mulheres, mais especificamente pela professora Anna Carvalho, sendo, também, a Comissão Diretora do Núcleo de Salvador da AGB composta em sua maioria pelas professoras coordenadoras do Laboratório, observadas na figura 3. Do ponto de vista quantitativo, 55% das publicações têm pesquisadoras como autoras.

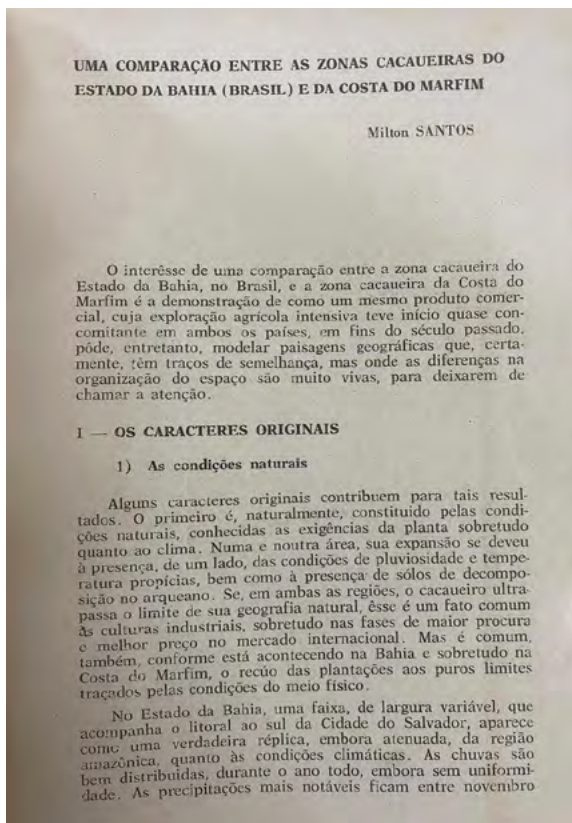
Figura 3
COMPOSIÇÃO E CARGOS DA SEÇÃO NÚCLEO DE SALVADOR DA AGB



Paulatinamente, com os intercâmbios internacionais em curso, sobretudo com a ida dos pesquisadores do Laboratório para a Europa, para realização de doutoramento, temas e recortes espaciais tratando da Europa e da África passaram a figurar no *Boletim*. Sem perder de vista o princípio da geografia aplicada e sua prerrogativa de promover pesquisas que pudessem subsidiar o planejamento territorial na Bahia, essas pesquisas buscaram traçar paralelos entre dinâmicas espaciais no exterior e na Bahia, conforme pode ser observado no título de uma das pesquisas de Milton Santos (figura 4) sobre a cultura cacaueteira no sul da Bahia e na Costa do Marfim, na África.

Figura 4

CORTE CONTENDO O TÍTULO DE ARTIGO DE MILTON SANTOS SOBRE AS ZONAS CACAUEIRAS NA BAHIA E NA COSTA DO MARFIM, ÁFRICA



Fonte: Arquivo pessoal de Maria Auxiliadora da Silva.

Caso similar é o da pesquisa de Anna Carvalho sobre a cultura da banana, também na Costa do Marfim (figura 5). Além da comparação entre dinâmicas espaciais que envolviam culturas agrícolas comuns às da Bahia, a atenção dos pesquisadores do Laboratório também se voltava, sobremaneira, aos problemas dos países subdesenvolvidos como o Brasil.

Figura 5
 MAPA EM ARTIGO DE ANNA CARVALHO, REPRESENTANDO A ÁREA DE ABRANGÊNCIA DA
 CULTURA DA BANANA NA COSTA DO MARFIM



Além da atenção particular com os países subdesenvolvidos, havia, por parte do grupo, um esforço de estabelecer critérios para a compreensão das relações entre centro e periferia, que permitisse a análise daquilo que deveria ser interpretado como o centro de uma cidade, e suas relações com as questões regionais (CARVALHO, 1961; SANTOS, 1961). Assim, observa-se, em alguns números do *Boletim*, trabalhos sobre a individualidade formativa dos centros urbanos tomando como exemplo cidades da África, principalmente na Costa do Marfim, de modo a estabelecer paralelos de aproximação e de distanciamento com a zona cacaueteira na Bahia e com a Cidade do Salvador, buscando o entendimento sobre

as relações estabelecidas entre os espaços rural e industrial, e entre o modo como o comércio de mercadorias se realizava nas economias subdesenvolvidas (SILVA, 2009).

Por se tratar de um material raro na atualidade, de acesso restrito a poucas bibliotecas de universidades brasileiras, e talvez de catalogação incompleta de seus números, pensamos ser pertinente a reprodução do longo quadro a seguir (quadro 1), antes de comentários finais neste artigo que busca apresentar o papel que teve o *Boletim* na inserção da Bahia no debate nacional e internacional da geografia produzida sob novos parâmetros teórico-metodológicos e de profissionalização; no intercâmbio de saberes geográficos com outras comunidades científicas; e na formação de pesquisadores que atuaram nas décadas seguintes nas universidades baianas, notadamente na UFBA.

Longe de esgotarmos as possibilidades de análise do material de pesquisa disponível nos números do *Boletim*, no quadro 1 é possível observar os autores que publicaram no periódico, os temas e recortes espaciais das pesquisas, o ano e o número de publicação, bem como a bibliografia lida e comentada em resenhas por membros do Laboratório.

Conforme lembra Pascal Motti (1970), a concepção de geografia aplicada, somada à inserção de membros do Laboratório junto a órgãos municipais e estaduais, na tentativa de promover o planejamento territorial da Bahia e ajudar nas estratégias de mitigação dos problemas urbanos e regionais junto a órgãos do próprio Estado, não foram suficientes para a manutenção da periodicidade do *Boletim* que, após o golpe militar de Estado em 1964, encontrou muita dificuldade de continuação. O período que se seguiu à ruptura do Estado democrático no Brasil impactou diretamente na produção dos trabalhos do Laboratório e na periodicidade do *Boletim*.

Embora o *Boletim* tenha alcançado expressivo êxito no diálogo com grupos internacionais, na formação de pesquisadores e na profissionalização da geografia na Bahia, a posição periférica do estado, em termos político-econômicos, parece ter feito o *Boletim* sofrer mais com a descontinuidade no apoio financeiro à sua publicação, e com o exílio de Milton Santos, do que com uma intervenção política mais direta sobre os seus conteúdos. Nesse sentido, vale lembrar ainda tratar-se de um periódico vinculado a uma associação profissional e não a um departamento do Estado nacional.

Quadro 1

AUTORES, TEMAS E ANO DE PUBLICAÇÃO DO BOLETIM BAIANO DE GEOGRAFIA

BOLETIM BAIANO DE GEOGRAFIA (ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS)			
AUTOR	TÍTULO DA PUBLICAÇÃO	ANO	Nº
Jean Tricart	Problemas geomorfológicos do litoral oriental do Brasil.	1960	1
Milton Santos	Aspectos geográficos da concorrência entre os diversos meios de transporte na zona cacauêira da Bahia.	1960	1
Teresa Cardoso da Silva	Repercussões da sedimentação cretácica sobre o relevo baiano.	1960	1
Milton Santos; Anna Carvalho	Comentários – Bouthoul, Gaston. Biologie Sociale, Coleção <i>Que sais-je?</i> , Paris, Presses Universitaires de France, 1957.	1960	1
Anna Carvalho	Comentários – Lacoste, Yves. Les pays sous-développés, Coleção <i>Que sais-je?</i> , Paris, nº 853, Presses Universitaires de France, 1959.	1960	1
-----	Noticiário sobre o Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais da Bahia, da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) e do Congresso Internacional de Geografia.	1960	1
Michel Rochefort	Como a presença de uma grande cidade diversifica as aglomerações de uma região.	1960	2
Jean Tricart; Nilda Guerra de Macedo; Paul Le Bourdieu	Tentativa de melhoria do método dos estudos das areias.	1960	2
Anna Carvalho	Contribuição para um estudo de geografia industrial.	1960	2
Manoel Correia da Silva	Comentários – Região da Baixa Mogiana. Tese do Prof. Dirceu Lino de Matos para a Cátedra de Geografia Econômica da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da Universidade de São Paulo, 1960.	1960	2
Waldir Freitas de Oliveira	Comentários – Decraene, Philippe. Le Panafricanisme, Coleção <i>Que sais-je?</i> , Paris, nº 847, Presses Universitaires de France, 1959.	1960	2
Milton Santos	Comentários – As Paisagens da Carnaúba. Comentários sobre o livro <i>Os Rios da Carnaúba I, O Rio Mossoró</i> realizado pelos Professores Rachel Calda Lins e Gilberto Osório de Andrade.	1960	2

BOLETIM BAIANO DE GEOGRAFIA (ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS)			
AUTOR	TÍTULO DA PUBLICAÇÃO	ANO	Nº
Milton Santos	Comentários – Um Vocabulário Geográfico. Comentários sobre o segundo volume do <i>Vocabulaire Géographique</i> . I. Le Formation Végétales dans le Monde. II. Le Relief: paysages morphologiques. Escrito pelo Professor René Clozier. Paris, La Documentation Française, 1957.	1960	2
Teresa Cardoso da Silva	Comentários – O modelado das Regiões Secas. Comentários sobre o livro <i>Le Modelé des Régions Sèches</i> dos Professores Jean Tricart e André Cailloux, publicado pelo Centre de Documentation Universitaire, 1960.	1960	2
Teresa Cardoso da Silva	Comentários – <i>Pluviometria do Polígono das Secas</i> de autoria de Raimundo Andréa e prefaciado por Dezildo Menezes Pereira, tendo sido publicado pela Imprensa Oficial da Bahia em 1960	1960	2
Anna Carvalho	Comentários – Breve dissertação sobre três atlas publicados em 1959, sendo eles: I) <i>Atlas de la France d l'Est</i> , redigido pela Professora Etienne Julliard e tendo como diretora técnica Sylvie Rimbert; II) <i>Atlas Geográfico de Santa Catarina</i> , sob a direção do Professor Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro; III) <i>Atlas Geoconômico da Bahia</i> , supervisionado pelo Professor Pinto de Aguiar.	1960	2
-----	Noticiário sobre a Assembleia Geral da AGB e do Núcleo de Salvador.	1960	2
Orlando Valverde; Myriam Gomes Coelho Mesquita	Reconhecimento Geográfico em Araruana e Saquarema.	1960	3
Milton Santos	Uma comparação entre as zonas cacauceiras do Estado da Bahia (Brasil) e da Costa do Marfim.	1960	3
Jean Tricart	A contribuição do Centro de Geografia Aplicada para a “mise en valeur” do Estado da Bahia.	1960	3
Jean Tricart; Teresa Cardoso da Silva	Comentários – Importância dos Deslizamentos Subaquáticos nas Diversas Formações do Estado da Bahia (Brasil). Artigo traduzido e originalmente publicado no Boletim da Sociedade Geológica da França, nº 5, 1958, realizado a partir de acordo de cooperação técnica bilateral franco-brasileira.	1960	3
Milton Santos	Comentários – A Agricultura Bahiana, segundo as estatísticas.	1960	3

BOLETIM BAIANO DE GEOGRAFIA (ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS)			
AUTOR	TÍTULO DA PUBLICAÇÃO	ANO	Nº
Milton Santos	Comentários – Desenvolvimento. Coletânea de dez trabalhos intitulada <i>Desenvolvimento. Problemas e Soluções</i> , publicada pela Imprensa Oficial da Bahia em homenagem ao trabalho do Professor Pinto de Aguiar.	1960	3
Milton Santos	Comentários – Uma Velha Pergunta: O que é a Geografia?	1960	3
Anna Carvalho	Comentários – Livro <i>A População Brasileira</i> de Alceu Vicente W. de Carvalho, publicado pelo Conselho Nacional de Estatísticas, IBGE, 1960.	1960	3
Anna Carvalho	Comentários – O Vale Médio do Jequitinhonha. Comentário a partir do <i>Estudo Geográfico do Vale Médio do Jequitinhonha</i> , realizado sob a supervisão do Professor Alisson P. Guimarães, lançado pela Imprensa Oficial, Belo Horizonte, 1960.	1960	3
-----	Noticiário sobre a AGB Núcleo de Salvador.	1960	3
Etienne Juillard	Europa Industrial e do Brasil: dois tipos de organização do espaço periurbano.	1961	4
Michel Rochefort	Princípios de classificação dos centros industriais.	1961	4
Anna Carvalho	Ritmos, processos e intensidade da urbanização no Estado da Bahia (Brasil).	1961	4
Nilda Guerra de Macedo; Teresa Cardoso da Silva; Dorcas Ferreira Chagas	Comentários – As Chuvas e o Escoamento na Bacia do Rio Paraguaçu.	1961	4
Milton Santos	Comentários - A França de Amanhã. Coleção editada pela Presses Universitaires de France sob o título <i>La France de Demain</i> , escrito pelos Professores André Blanc, Etienne Julliard, Joanny Ray e Michel Rochefort.	1961	4
Anna Carvalho	Comentários – Geografia e Ação. Breve resenha do livro <i>Géographie et action – introduction à la géographie appliquée</i> , escrito pelo Professor Michel Phlipponneau, pela Editora A. Colin, 1960.	1961	4
José Augusto Guimarães	Comentários – Geografia General Del Comercio y de las Comunicaciones. Erich Otremba, Ediciones Omega, Barcelona, 1959.	1961	4
Antônio Christofolletti	Comentários – <i>Géographie Physique Générale de la Zone Intertropicale (à la exclusion des déserts)</i> , livro que reúne as aulas do minicurso proferido por Pierre Birot na Sorbonne, publicado pela C.D.U em 1960	1961	4

BOLETIM BAIANO DE GEOGRAFIA (ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS)			
AUTOR	TÍTULO DA PUBLICAÇÃO	ANO	Nº
-----	Noticiário sobre a AGB Núcleo de Salvador e sobre as conferências e cursos proferidos pelo Professor Minto Santos em alguns centros universitários franceses, entre 1960 e 1961.	1961	4
Jean Tricart; Teresa Cardoso da Silva	Um exemplo de evolução karstica em meio tropical seco: o Morro de Bom Jesus da Lapa.	1961	5-6
Milton Santos	Alguns problemas do crescimento da Cidade de Salvador.	1961	5-6
Anna Carvalho	Salvador e a organização do seu espaço imediato.	1961	5-6
Norma Ramos de Freitas	As estruturas agrárias pretéritas e causas de sua modificação no recôncavo açucareiro da Bahia.	1961	5-6
Milton Santos	Comentários – <i>Libreville et sa Région: étude de géographie urbaine</i> . Guy Lasserre, Armand Collin, Paris, 1958.	1961	5-6
Milton Santos	Comentários – As nações Proletárias. Breve resumo do livro <i>Les Nations Proletaires</i> , escrito por Pierre Moussa e publicado pela Presses Universitaires em 1959.	1961	5-6
-----	Noticiário sobre a Assembleia Geral da AGB e do Núcleo de Salvador	1961	5-6
Jacqueline Beaujeu-Garnier	As migrações para Salvador.	1961/1962	7-8
I.P. Guerassimov	Aplicação dos Métodos nas Pesquisas Sismológicas.	1961/1962	7-8
Anna Carvalho	A Cultura da Banana na Costa do Marfim.	1961/1962	7-8
P. Pelissier	Uma questão de Vocabulário Relativo à Morfologia Tropical	1961/1962	7-8
Anna Carvalho	Comentários – O Peso da África. Favrod, Charles Henri. <i>Le Poids de L'Afrique</i> . Editions du Seuil, 1958.	1961/1962	7-8
Dulce Lima de Brito	Comentários – <i>A Previsão do Crescimento das Populações Urbanas</i> . Pereira, Jorge Santos. Universidade da Bahia, 1958.	1961/1962	7-8
Wofgang Mahrolz	Comentários – Geologia de Campo. Resenha do livro <i>Manual de Geologia de Campo</i> , resultado dos trabalhos de campo do Professor R.Compton, editado pela J.Wiley & Son Inc., Nova York, 1962.	1961/1962	7-8

BOLETIM BAIANO DE GEOGRAFIA (ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS)			
AUTOR	TÍTULO DA PUBLICAÇÃO	ANO	Nº
Cléa Linhares de Oliveira	Comentários – Curtíssimo comentário acerca do livro <i>Economia Pernambucana no Século XVI</i> do Prof. Manoel Correa de Andrade, publicado em 1962 pelo Arquivo Público Estadual de Pernambuco.	1961/1962	7-8
Walney Moraes Sarmiento	Comentários – Formação Econômica do Brasil. Celso Furtado, Editora Fundo de Cultura, Rio de Janeiro, 1959.	1961/1962	7-8
Teresa Cardoso da Silva	Comentários – A Epiderme da Terra. Livro da coleção Evolution des Sciences sob o título <i>L'epiderme de la Terre</i> escrito pelo Prof. Jean Tricart, editado pela Masson & Co. em 1962.	1961/1962	7-8
Douracy Soares	Comentários – Uma História Regional do Cenozoico. Resenha da tese do Prof. Arthur David Howard intitulada <i>Cenozoic History of Northeastern Montana and Northwestern North Dakota With Emphasis on the Pleistocene</i> , publicada pela United States Geological Survey Professional Paper 326, 1960.	1961/1962	7-8
Nair Santos Vianna	Comentários – <i>Paisagens do Brasil</i> , livro escrito por diversos autores sob a realização do Conselho Nacional de Geografia, publicado pelo IBGE em 1961. Nele consta, entre outros assuntos, a enunciação dos conceitos de região natural e região cultural por Alfredo José Porto Domingues, bem como a divisão regional do Brasil segundo André Rebouças.	1961/1962	7-8
Wofgang Mahrolz	Comentários – Sinopse da Geologia do Brasil. Publicação de Emanuel A. Martins, editorado pela Publicações Avulsas do Museu Nacional, n. 30, Rio de Janeiro, 1959.	1961/1962	7-8
Anna Carvalho	Comentários – Iniciação à Cartografia. Sylvie Rimbart. <i>Cartes et Graphiques: Inicition à la Cartographie</i> . Publicado pelo Centre de Documentation Universitaire, 1962.	1961/1962	7-8
Anna Carvalho; Milton Santos	Comentários – Um Colóquio de Geografia Aplicada. Observações realizadas sobre o Colóquio de Geografia aplicada realizado em Strasbourg-França em abril de 1961.	1961/1962	7-8
-----	Noticiário.	1961/1962	7-8
Não identificados na pesquisa.	Boletim Baiano de Geografia ⁴ .	1965	9-10-11
Sílvio Bandeira de Mello e Silva	A Divisão Regional da Bahia e os Problemas de Equipamentos.	1967	12-13-14

BOLETIM BAIANO DE GEOGRAFIA (ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS)			
AUTOR	TÍTULO DA PUBLICAÇÃO	ANO	Nº
Celene Melo; Maria Araújo; Maria Sacramento; Oliveira Azevedo; Regina Souza; Pascal Motti	Uma Pequena Cidade da Região de Salvador: Mata de São João.	1970	15-16-17
Marcílio Monteiro; Teresa Cardoso da Silva	Comentário da Carta de Geomorfologia do Litoral de Salvador.	1970	15-16-17
Nilda Guerra Macedo; Antônia Déa Erdens	A Vida Rural dentro da Cidade do Salvador.	1970	15-16-17
Teresa Cardoso da Silva	Aspectos da Geomorfologia do Litoral de Ilhéus.	1970	15-16-17
Milton Santos	Da Sociedade à Paisagem: O Significado do Espaço Humano.	1979	18
Jeanne Maiffre Baraúna	A Atuação do Geógrafo e Perspectivas do Mercado de Trabalho.	1979	18
Sílvio Bandeira de Mello e Silva	Considerações da Pesca Baiana no contexto da Pesca Brasileira.	1979	18
Pascal Motti; Maria Sacramento	Comentário do Mapa das Formações Superficiais do Vale de Santa Quitéria-Bahia.	1979	18
Lucedino Ribeiro; Gilles Riche	Síntese do Levantamento Semidetalhado dos Solos da Fazenda Furado-Jequié-Bahia.	1979	18
Miriam Martins; Celeste Guerra	Determinação das Zonas Naturais Homogêneas Terrestres do Estado da Bahia.	1979	18
Marilena Aouad	Atlas Climatológico do Estado da Bahia Documentos nº 1 e 2.	1979	18
Diva Barbosa	Atlas Climatológico do Estado da Bahia Documentos nº 3.	1979	18
Maria da Conceição Cunha	Atlas do Estado da Bahia.	1979	18
Zelita Fernandes	Os meandros: Formação e Evolução.	1979	18

Fonte: Arquivo pessoal de Maria Auxiliadora da Silva.

No tocante à organização e ao futuro dos trabalhos do grupo e, conforme visto, da própria geografia na Bahia, houve grandes prejuízos, uma vez que a principal liderança e articulador político responsável por viabilizar a inserção dos trabalhos dos geógrafos baianos nos planos territoriais do Estado e por promover o intercâmbio com grupos científicos internacionais foi forçado a deixar o Brasil e viver no exílio por mais de uma década após ser preso e mantido no cárcere por alguns meses. A professora Antônia Déa Erdens assumiu o papel de capitanear o Laboratório durante o exílio do geógrafo baiano, mas a descontinuidade da normalidade institucional no país e o afastamento imposto a Milton Santos dificultaram o prosseguimento dos intercâmbios e a regularidade na publicação do periódico, que se estendeu por mais uma década e meia, porém com descontinuidade (SILVA, 2006; SILVA; SOUSA, 2022).

4. Considerações finais

Buscamos evidenciar neste artigo o papel desempenhado pelo *Boletim Baiano de Geografia*, publicação vinculada à Associação dos Geógrafos Brasileiros e dirigido por pesquisadores do Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais da Universidade da Bahia, na circulação e na consolidação de orientações teórico-metodológicas, promovidas através do intercâmbio de conhecimentos com comunidades científicas do exterior, bem como na formação continuada de pesquisadores na Bahia. Os textos publicados em diferentes números do periódico revelam o esforço de suas lideranças em colocar a geografia produzida na Bahia em sintonia com a ciência desenvolvida internacionalmente, promovendo *pari passu* a sua inserção no contexto da regulamentação e na profissionalização dos geógrafos no Brasil, tributário do sistema geográfico oficial brasileiro.

A criação de um veículo de divulgação de trabalhos científicos, vinculado à AGB e gerido por membros de um laboratório criado por um ainda jovem professor de geografia, revela o projeto que Milton Santos tinha em mente ao reunir em torno de si um grupo que mesclava estudantes inexperientes e pesquisadores de expressão internacional. Os trabalhos publicados no periódico, apresentados no quadro 1 deste

artigo, denotam a relevância das ações desse grupo em pôr a geografia na Bahia em consonância ao que se fazia nos principais centros do país, acompanhando de perto e realizando trocas com pesquisadores de outros países. Em pouco mais de cinco anos, o grupo ligado ao Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais da Universidade da Bahia empreendeu uma transformação profunda na lógica da geografia ensinada e praticada no estado.

No tocante ao material impresso no quadro 1, este artigo, longe de esgotar seus conteúdos, apenas os descreveu e teceu breves comentários. Uma série de questões se colocam frente a esse material. Assunto para outros artigos.

Notas

- ¹ Essa pesquisa rendeu exposição em mesa-redonda no *II Colóquio Luso-Brasileiro de Teoria e História da Geografia*, realizado no ano de 2019 na Universidade de Brasília (UnB), além de indicação e aceite para publicação como capítulo de livro, com previsão de ser lançado na cidade de Lisboa, Portugal. O capítulo, de autoria de Gustavo Costa Mota e André Nunes de Sousa, entregue para publicação, tem por título: *O Boletim Baiano de Geografia: divulgação científica e Geografia Aplicada entre 1959 e 1964*.
- ² O *Boletim Baiano de Geografia* referente ao ano de 1965 foi encontrado no IEB/USP durante a realização deste artigo, não sendo possível, nesse primeiro momento, uma sistematização adequada de autores, temas e trabalhos publicados nessa edição, visto que o sumário não estava disponibilizado no site do IEB/USP.
- ³ Anteriormente, destacaram-se, desde o final do século XIX, pela circulação do conhecimento geográfico e pela abrangência internacional, a *Gazeta Médica da Bahia*, interessada nas dinâmicas climáticas, e a *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, que publicou trabalhos de geografia e áreas correlatas de autores nacionais e internacionais (PEARL, 1999; COSTA, 2019; SOUSA 2021; SOUSA, 2022).
- ⁴ Conforme dito na nota nº X, o *Boletim Baiano de Geografia* referente ao ano de 1965 foi encontrado no IEB/USP durante a realização deste artigo, não sendo possível, nesse primeiro momento, uma sistematização adequada de autores, temas e trabalhos publicados nessa edição.

Referências

AGB – Associação dos Geógrafos Brasileiros. **Boletim Baiano de Geografia**. Ano I, n. 1, Salvador, 1960.

ANTUNES, Charlles da França. **A Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) – origens, ideias e transformações: notas de uma história**. 2008. 307 f.

(Doutorado em Geografia) - Universidade Federal Fluminense (UFF), Rio de Janeiro, 2008.

BERDOULAY, Vincent. **A escola francesa de geografia**: uma abordagem contextual. São Paulo: Perspectiva, 2017.

CARDOSO, Luciene Pereira Carris. **O Lugar da Geografia Brasileira**: a sociedade de Geografia do Rio de Janeiro entre 1883 e 1945. São Paulo: Editora AnnaBlume, 2013.

CARVALHO, Anna. Salvador e a Organização do seu espaço imediato. **Boletim Baiano de Geografia**, Ano II, n. 5 e 6, Salvador, 1961.

COSTA, Mirna Brito da. Os estudos de climatologia na Bahia na transição entre os séculos XIX e XX (1862-1934). In: SOUSA, André Nunes de; VAZ, Caroline Bulhões Nunes (Org.). **A Geografia no alvorecer da República**: contribuições à história da ciência geográfica no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2019. p. 169-192.

GIAROLA, Flávio Raimundo. **“Do ‘triunfo nos trópicos’ ao ‘fim da civilização’**: “raça”, história e nacionalidade na perspectiva dos intelectuais monarquistas-católicos (1889-1917). 2015. 311f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2015.

LIRA, Larissa Alves. **Pierre Monbeig e a formação da geografia no Brasil (1925-1956)**: uma geo-história dos saberes. São Paulo: Alameda, 2021.

MACHADO, Mônica Sampaio. A força do lugar na obra de Milton Santos. In: Machado, Mônica Sampaio; Martin, André Roberto (Org.). **Dicionário dos geógrafos brasileiros**. Rio de Janeiro, Ed. 7 Letras/FAPERJ, 2014. p. 133-166.

MAMIGONIAN, A. A Geografia francesa nos meados do século XX e a contribuição de Jean Tricart. In: SILVA, Teresa Cardoso (Org.). **Da teoria à prática da Geografia global**: abordagens transdisciplinar proposta por Jean Tricart. Santa Catarina Ed. GCN/CFH/UFSC, 2011. p. 163-178.

MARQUES, Maria Inês Correa. **UFBA na memória**: 1946-2006. Salvador: EDUFBA, 2010.

MORAES, Antônio Carlos Robert de. **Território e história no Brasil**. São Paulo: Annablume, 2005.

MOTTI, Pascal. Nota. **Boletim Baiano de Geografia**, Ano IX, X, XI, n. 15, 16 e 17, Salvador, 1970.

PEARL, Julian G. **Tropical Disorders and the Forging of a Brazilian Medical Identity, 1860-1890**. Durham and London: Duke University Press, 1999.

REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA. Rio de Janeiro, IBGE, v. 1, 1939.

RIBEIRO, Guilherme. O efeito DIP e a ordem do discurso geográfico: censura, nacionalismo e território na Revista Brasileira de Geografia do IBGE durante o Estado Novo (1939-1945). In: RIBEIRO, Guilherme (Org.). **Uma história para o futuro: quatro leituras sobre a Revista Brasileira de Geografia do IBGE**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2025. p. 23-64.

SANTANA, José Carlos Barreto. **“Prefácio” do livro O Rio São Francisco e a Chapada Diamantina de Theodoro Fernandes Sampaio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SANTANA, Mário Rubens; AMORIM, Itamar Gomes de; GOMES, Denize Santos. AGB - Salvador, quase 50 anos de Geografia. **Terra Livre**, São Paulo, v. 1, n. 22, p. 99-112, 2004.

SANTOS, Ademir Pereira. **Theodoro Sampaio: nos sertões e nas cidades**. Rio de Janeiro: Versal, 2010.

SANTOS, Milton. **Relatório ao Magnífico Reitor Edgard Santos**. Universidade da Bahia: Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais, 1959.

SANTOS, Milton. Alguns problemas do crescimento da cidade de Salvador. **Boletim Baiano de Geografia**, Ano II, n. 5 e 6, Salvador, 1961.

SEABRA, Manoel. Caio Prado Jr. e os Primeiros Anos da AGB: Descrição comentada e estudo introdutório de documentos diretamente relacionados à Associação dos Geógrafos Brasileiros, do Dossiê AGB do Acervo Caio Prado Jr., do IEB-USP. In: IUMATTI, Paulo; SEABRA, Manoel; HEIDEMANN, Heinz Dieter (Org.). **Caio Prado Junior e a Associação dos Geógrafos Brasileiros**. São Paulo. EDUSP, 2008.

SENRA, Nelson de Castro. **Teixeira de Freitas e a criação do IBGE: correspondência de um homem singular e plural**. Rio de Janeiro: Editora do IBGE, 2016.

SILVA, Teresa Cardoso. Encontros com Milton Santos. In: SILVA, M. A. (Org.). **10 anos sem Milton Santos**. Salvador, ALBA, 2011.

SILVA, Maria Auxiliadora da. **Criação do Laboratório de Geomorfologia e estudos Regionais (1956-1969)**. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/2006/04/10/criacao-do-laboratorio-de-geomorfologia-e-estudos-regionais-1956-19691/>. 2006. Acesso em: 15 out. 2025.

SILVA, Maria Auxiliadora da. Gênese da geografia urbana no Brasil: A contribuição de grupos de pesquisa da Bahia. **Geotextos [online]**, v. 5, n. 2, p. 131-146, 2009.

SILVA, Maria Auxiliadora da; SOUSA, André Nunes de. Intercâmbios de saberes geográficos Salvador-Lisboa. **Terra Brasilis [Online]**, n. 17, 2022, posto online no dia 30 junho 2022. Acesso em: 20 out. 2025.

SOUSA, André Nunes de. **Percurso Historiográfico do Campo Disciplinar Geográfico na Bahia e em São Paulo**: Contribuições da Universidade Federal da Bahia e da Universidade de São Paulo. 2015. 202f. (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2015.

SOUSA, André Nunes de. Sobre a necessidade de se fazer uma ciência situada: notas histórico-epistemológicas sobre a cartografia (na Bahia). In: SERPA, Angelo. **Representação e Geografia**. Salvador: EDUFBA, 2021. p. 89-116.

SOUSA, André Nunes de. Bernardino de Souza 1884-1949. **Geographers Biobibliographical Studies**, organizado por Elizabeth Baigent e André Reyes Novaes, Bloomsbury Publishing, Oxford, v. 40, p. 57-85, 2022.

SOUSA, André Nunes de. Bernardino de Souza e o desenvolvimento da Geografia no Brasil. **Terra Brasilis [Online]**, n. 8, 2017, posto online no dia 27 junho 2017. Acesso em: 20 out. 2025.

SOUSA, André Nunes de. Geografias Fabulosa, Militante e Triunfante nas Leituras Geográficas de Bernardino José de Souza. **Terra Brasilis (Nova Série)**. Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica, v. 1, p. 1-8, 2021.

SOUSA, André Nunes de; VAZ, Caroline Bulhões Nunes. Theodoro Sampaio e a integração da Bahia na conjuntura político-econômica do Brasil da Primeira República. In: SOUSA, André Nunes de; VAZ, Caroline Bulhões Nunes (Org.). **A Geografia no alvorecer da República**: contribuições à história da ciência geográfica no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2019. p. 75-92.

TRICART, J. A contribuição do Centro de Geografia Aplicada para a “mise en valeur” do Estado da Bahia. **Boletim Baiano de Geografia**, Ano I, n. 3, Salvador, 1960.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. **O universo conceitual de Milton Santos**. Curitiba: Editora CRV, 2020.

Recebido em 01/11/2025

Aceito em 17/11/2025